

Contribuições da Retórica para o Ensino de Filosofia

Edgar Lyra¹

> 1. Introdução

Foi com o elogio grego da razão, com o advento da teorização sobre as coisas do *cosmos* e da *polis*, que nasceu a filosofia. Menos atenção costuma despertar o fato – igualmente importante – de que o momento grego de ascensão do *logos* foi também o dos sofistas e do aparecimento dos primeiros textos sobre as artes do discurso, dentre os quais os escritos de Córax e Tísias, opúsculos como *Contra os Sofistas*, de Isócrates, diálogos de Platão, como o *Górgias* e o *Fedro*, e a *Retórica* de Aristóteles. Digeridas pelos romanos, as lições retóricas gregas atravessaram o tempo e chegaram aos nossos dias com ambígua atualidade. Convertidas em teoria da comunicação, em análise de estilo, em teoria da argumentação (de interesse no mais das vezes jurídico), enfim, mesmo redescobertas no seio de recentíssimos projetos de “superação da metafísica”,² fato é que a retórica ainda não reencontrou no âmbito das práticas didático-pedagógicas a importância que teve na aurora grega do Ocidente.³

São várias as razões para que essa *techne* não seja efetivamente explorada como elemento de formação docente. A primeira remete ao seu próprio contexto de nascimento e à desconfiança que ainda hoje paira sobre os sofistas, a despeito de oportunas releituras.⁴ Ainda que Sócrates e Platão fossem eles mesmos excelentes retores, e que o segundo admitisse, no *Fedro*, que a retórica possa chegar a “agradar os deuses” (273e) e mesmo elevar almas (cf. *psychagogia*: 261a e 271a-d), o que prevaleceu foi a imagem do discurso vazio e sem compromisso como a Verdade. O próprio Aristóteles já precisaria defender o ensino da retórica contra essa desconfiança.

Também o moderno apreço pelo *logos*, mudado em obsessão pelo método científico, em muito contribuiu para manter a retórica à margem da sapiência acadêmica. Só recentemente, à luz das fraturas epistemológicas pós-modernas, vêm alguns autores discutindo, por exemplo, as

¹ Coordenador de graduação e professor do programa de pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

² Cf. MEYER, Michel, Prefácio a PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 2005, pág. XX: “A retórica é esse espaço de razão onde a renúncia ao fundamento, tal como o concebeu a tradição, não se identificará forçosamente à desrazão. Uma filosofia sem metafísica deve ser possível, porquanto de agora em diante não há outra alternativa”.

³ Manuel Alexandre Júnior chega a dizer, no seu Prefácio à tradução portuguesa do tratado aristotélico, que “a retórica está na moda [...] em praticamente todas as áreas do saber humano”. (ARISTÓTELES 2005, p.9)

⁴ Cf., p. ex., CASSIN, Barbara: *O Efeito Sofístico* (2005); McCOY, Marina: *Platão e a Retórica de Filósofos e Sofistas* (2010); e UNTERSTEINER, Mario: *A Obra dos Sofistas – uma interpretação filosófica* (2012).

históricas relações entre “ciência e retórica”.⁵ Mesmo a pedagogia moderna, ao demarcar seu campo como uma espécie de “ciência da educação”, enxergou na *didática* um saber próprio e em nada devedor à retórica.

Por fim, não obstante a recente ampliação do escopo do ensino da filosofia em países como o Brasil, e de tentativas, aqui e ali, de dignificação da docência, a arte retórica permanece pouco explorada com elemento de formação de professores. Mesmo em países como os EUA, onde a cultura do debate tem lugar de destaque desde a *high school*, não são finalidades propriamente filosóficas ou pedagógicas que mantêm vivo o apreço pela retórica.

Este estudo procura, por tudo isso, ilustrar a possível contribuição dessa arte para a formação docente – especialmente a que concerne ao ensino de filosofia. A aposta mais pontual é que já os ensinamentos da *Retórica* de Aristóteles, conquanto não exclusiva ou prioritariamente comprometidos com finalidades didáticas (como as entendemos hoje) podem ser de grande valia nesse campo.

A título de ilustração preliminar, mesmo a mais “elementar consciência” dos três modos de persuasão – *logos, ethos e pathos* – pode ser sumamente desejável quando se deparam os professores com públicos não devidamente convencidos do valor intrínseco dos saberes que professam. É bem conhecido, mas pouco explorado no âmbito docente, que *logos* se refere à palavra logicamente articulada, *ethos* à confiança dos ouvintes na pessoa do orador e *pathos* às emoções que permeiam as situações discursivas. Lecionar para pesquisadores, em programas de pós-graduação, é atividade em que a competência teórica pode bastar-se. Mas tal não é o caso em âmbitos outros, onde problemas agudos surgem por simples falta de atenção aos componentes “patológicos” e “éticos” necessários, inclusive, a que o *logos* possa encontrar sua adequada recepção. Seja como for, é desconcertantemente comum ouvir professores de filosofia, certos do valor de suas competências hermenêuticas e analíticas, queixarem-se da baixa conta em que públicos exteriores à academia via de regra os têm.

› **2. A Retórica de Aristóteles**

São três os livros que compõem a *Retórica* de Aristóteles.⁶

2.1 O primeiro livro

O primeiro livro vai introduzindo o leitor às noções mais centrais da arte retórica, simultaneamente a uma elaboração de críticas diversas às práticas e tratados da época.⁷ Seguem-se justificativas para o ensino filosófico da retórica, justificativas que têm como pano de fundo e necessidade os perigos da transmissão dessa arte para almas ainda não devidamente

⁵ Cf. p. ex., CECCARELLI, Leah: *Shaping Science with Rethoric – the cases of Dobzhansky, Schrodinger and Wilson* (2001).

⁶ Ficam para outra ocasião, em função do escopo e das finalidades desta apresentação, considerações sobre o estabelecimento do texto aristotélico. Cf. Manuel Alexandre Junior, Introdução: in ARISTÓTELES 2006, p. 34.

⁷ Cf. idem, p. 90.

comprometidas com o Bem.⁸ Aristóteles apresenta uma série de argumentos em prol da necessidade desse ensino, o primeiro ligado à ideia de que é por culpa de oradores retoricamente incapazes que a Verdade e a Justiça são não raro superadas pela falsidade e a injustiça. Alude em seguida à necessidade de adaptar os discursos aos vários públicos e de considerar os assuntos em pauta sob seus vários ângulos, ponderando, por fim, que qualquer técnica corre o risco de ser mal usada, não sendo a retórica exceção. “O que faz de um homem um sofista”, pontua, “não são suas capacidades (*dinamei*), mas suas escolhas (*proairesei*)”. (1355 b20)

Um esclarecimento: a insistência em aqui sintetizar a estrutura do tratado aristotélico e sugerir-lo a professores está diretamente ligada à convicção de que esse tratado nem de longe assemelha-se a um manual de instruções de pronto uso, e sim a um mergulho profundo na produção dos nexos discursivos capazes de transformar as almas – no caso, primeiramente a do próprio professor-orador. Chega a ser difícil imaginar que alguém que deseje resultados imediatos venha a meter-se com um texto da complexidade da *Retórica*.

Seja como for, entre as noções e definições de retórica apresentadas no Livro I figura com destaque a mencionada distinção entre os modos de persuasão – *ethos-logos-pathos* –, que atravessa toda a obra em epígrafe e faz-se, não por acaso, acompanhar de reflexões sobre a noção de “prova retórica” (*pistis*). Dita “complemento (*antistrofos*) da dialética” (1354 a1), a retórica dela distingue-se por não mover-se em âmbito preferencialmente demonstrativo, mas em situações discursivas elásticas, situações que precisam ser suficientemente identificadas antes que quaisquer estratégias possam ser exitosamente traçadas. Aristóteles precisa, por conseguinte, mesmo ao referir-se à parte mais “lógica” da retórica, estabelecer distinções, por exemplo, entre *silogismo* e *entimema*, e chamar atenção para os lugares-comuns discursivos (*topoi*) sobre os quais qualquer argumentação há de se apoiar. A aprofundada compreensão desses “lugares-comuns” talvez seja mesmo o que há de mais complexo no texto, posto que eles entrelaçam-se e reforçam-se, ligando-se ora aos grandes gêneros de assuntos, ora aos costumes e opiniões partilhadas por falantes de nichos específicos, ora à própria compreensão do êxito persuasivo a perseguir nas várias situações discursivas. É inclusive bastante curioso que, muitas vezes, passe despercebido que a retórica *não lida* com o verdadeiro e o evidente, mas com o que é naturalmente problemático e, a partir daí com o *plausível*, o *verossímil*, o *razoável*, com o *menos desvantajoso* e o *mais justo*, como o *melhor* e o *pior*, portanto, com a necessidade de “encontrar os caminhos de persuasão adequados a cada caso” (1355 b32). Lembra Olivier Reboul em sua *Introdução à Retórica* que isso não quer dizer que lidamos afinal com a “prova do pobre” (2004, p. 27), sendo Aristóteles mesmo quem nos adverte, na *Ética a Nicômaco*, que “é evidentemente tão tolo aceitar de um matemático uma argumentação apenas provável quanto exigir de um orador provas demonstrativas” (1094 b25-30).

O primeiro livro deságua, enfim, numa longa discussão sobre os grandes gêneros retóricos: o judicial, o político ou deliberativo, e o epidíctico ou cerimonial. Mais do que uma mera “classificação” – ou mesmo categorização –, essa discussão parece cumprir o papel de rebater as

⁸ O Górgias, de Platão, é o provável contraponto dessas justificativas.

noções até então apresentadas sobre as “tópicas” mais centrais na *polis* grega. Com efeito, entre os lugares-comuns mais frequentes no primeiro gênero estão os do *justo* e do *injusto*; às situações políticas concernem mais geralmente as noções de *melhor* ou *pior*, de *mais* ou *menos vantajoso*; o gênero cerimonial, finalmente, têm entre seus pontos de apoio privilegiados aqueles da *nobreza* e *vileza*, de *beleza* e *feiura*. Mais importante, entretanto, sobretudo visando a um uso mais alargado desses ensinamentos, é conceber essas demarcações genéricas como indicativas de estratégias discursivas. Basta lembrar o quão diferente há de ser admoestar alguém qualificando sua ação como injusta, como inútil, ou deselegante. São campos discursivos diferentes, que envolvem *pathe* e *ethe* diferentes, e que demandam lugares-comuns diferentes para sua ancoragem argumentativa.

2.2 O segundo livro

O segundo livro tem uma estrutura tripartite claramente identificável. Aristóteles trata primeiramente do *pathos*, em seguida do *ethos* e só então do *logos*. Entre os vários afetos discutidos estão alguns muito importantes para o trabalho do professor, como a *ira* (*orgué*), com discussões finas sobre suas modulações e sobre aquilo que a provoca. Não por acaso – fazendo já a passagem para a consideração do *ethos* –, a *emulação* (*zelos*) é o último dos afetos tratado. Essencialmente diferente da *inveja* (*ftonos*), a *emulação* concerne à presença de desejo respeitoso por aquilo que, discursando, um orador promete ou representa – coisa não trivialmente ao alcance de um professor de filosofia em um mundo marcadamente utilitarista e avesso ao pensamento lento e paciente. Precisamente aí jaz boa indicação para ampliar a compreensão da noção retórica de *ethos*. Traduzir *ethos* por “caráter” é, de fato, empobrecedor. A reputação ou crédito do orador se estabelecerá, sim, a partir de traços que lhe são próprios, mas também sobre a teia de costumes que a cada vez lhe serve de fundo. É relevante lembrar que, dependendo da grafia,⁹ *ethos* pode significar hábito ou costume, mais que caráter, este entendido como posse de qualidades pessoais.

Fato é que Aristóteles analisa em sequência o *ethos* do jovem, do idoso e dos que estão no auge da vida, dos nobres, ricos e dos poderosos; e não deve de nenhum modo passar despercebido que ele se volta mais imediatamente para o *ethos* do público, e só subsidiariamente para o do orador, que herdará sua credibilidade da consonância que com a plateia for capaz de estabelecer.

A terceira parte do Livro II é, por fim, dedicada à argumentação. A noção é propositalmente dilatada. São discutidas estratégias argumentativas variadas, distinguindo-se aquelas que hoje chamamos de dedutivas das que procedem por indução ou ilustração, estando sempre presente a questão dos lugares-comuns sobre os quais cada uma dessas estratégias pode e precisa apoiar-se. Valer-se de uma *máxima* abraçada por determinada comunidade pode ser muito oportuno; mas, a percepção de qual *máxima* se adéqua a qual auditório, e em que circunstâncias, depende de uma sólida e sensível formação do orador.

⁹ Cf. p. ex. TUGENDHAT, Ernst: *Lições sobre Ética* (1997), p. 35-36.

2.3 O terceiro livro

O terceiro e último livro da *Retórica* é bem conhecido como “livro estilístico”, ainda que esse rótulo traia seu escopo amplo e sua importância enorme. É nele que Aristóteles retoma e repensa os cânones retóricos da sua época, por exemplo, o sequenciamento discursivo a partir da fórmula *proêmio* (*prooimion*), *narração* (*diegesis*), *confirmação* (*pistis*) e *epílogo* (*epilogos*), com espaço livre para a *digressão* (*parekbasis*).

O filósofo relativiza explicitamente a necessidade desse ordenamento (cf. 1414 a30-1414 b19), sendo, contudo, ainda mais importante perceber que o mesmo ganha outra espessura quando em diálogo com os aspectos mais amplos, os “momentos” ou “camadas” da elaboração discursiva. A primeira dessas “camadas” concerne simultaneamente à tomada de consciência da circunstância a enfrentar e à descoberta da melhor forma de fazê-lo. Remete ao Livro I e às definições lá presentes, onde Aristóteles refere-se a uma *capacidade de teorizar* (*dinastai theorein*, 1355 b34), isto é, em termos menos contaminados pelas nossas noções de “teoria”, à “capacidade de enxergar compreensiva e abrangentemente” a circunstância discursiva. Pode-se inclusive agora dilatar aquelas definições para propor que *todo discurso é discurso para determinado público, em determinadas circunstâncias, valendo-se de certos meios e visando a determinados fins, enfim, proferido por determinado orador*.

A segunda das camadas ou momentos retóricos é o da *taxis*. Envolve a *disposição*, segundo certo plano, dos elementos então inventariados. Exatamente aí entra o sequenciamento discursivo que vai do proêmio ao epílogo. Não é difícil antever que a escolha da melhor forma de predispor favoravelmente o público, no *proêmio*, aos fatos a *narrar* (*diegesis*) ou *expor* (*prothesis*), depende de uma avaliação antecipada da situação, bem como disso depende a forma de articular persuasivamente esses fatos (*pistis*) e a finalização convincente do discurso (*epilogos*).

Digressão importante: embora discursos elaborados para serem proferidos sem interrupção possam observar com rigor o cânone descrito (e relativizado por Aristóteles), nada impede que situações de improviso sejam retoricamente pensadas. Não importando quão concisos ou prolixos sejam os participantes de um diálogo, a retomada da palavra por cada um deles dependerá, decerto, da ratificação ou retificação do plano discursivo traçado, portanto, de uma atenção contínua ao elenco de elementos retóricos.

Não é diferente com a *lexis*, terceiro momento do construção retórica. A escolha do léxico, mais amplamente, do repertório de lugares-comuns a mobilizar, do “estilo”, se assim for preferido, dependerá tanto da síntese das circunstâncias quanto do plano discursivo a partir dela estabelecido. A piada que pode ser contada após dois meses de aula provavelmente não o poderia ser no primeiro dia do ano. O vocabulário e as figuras de linguagem usadas têm, igualmente, de adaptar-se ao público, ao tema, ao ambiente e à ocasião.

Junte-se a quarta e última camada, a da *hypocrisis*, que Aristóteles apresenta tecendo comparações com a arte poética. A entonação, o gesto facial, a indumentária e o posicionamento corporal, todos deverão dialogar com os outros três momentos de modo a dar unidade ao

discurso. Faz enorme diferença se o professor fala alto ou baixo, se é firme ou hesitante, se fala em pé ou sentado. A *ação*, *encenação* ou *performance* será em muitas ocasiões crucial para a eficácia discursiva e, não apenas, naquelas em que *pathos* e *ethos* se sobrepõem ao *logos*. Mesmo a possibilidade de sustentação de uma exposição oral prolongada há de depender da capacidade do orador valer-se do seu corpo, da sua voz e das “invisíveis” linhas de força que preenchem os espaços por seres humanos, não sendo exceção a sala de aula.

› 3. A retórica em sala de aula

Já deve estar clara a esta altura a aplicabilidade da retórica a situações gerais de ensino e aprendizado. O epílogo desta apresentação ficará por conta de adendos e ilustrações.

Enfatize-se, com Aristóteles, que todos os homens – logo, todos os professores – valem-se de recursos retóricos (cf. 1354 a1-a11) sem, entretanto, pensar mais detidamente sobre isso nos termos expostos. A ideia aqui não é, enfim, desqualificar quaisquer orientações didático-pedagógicas dignas de apreço, mas mostrar como a retórica pode lançar incrível luz sobre situações identificáveis por todos os que dedicam suas vidas ao ensino.

Assim, a agitação com que via de regra se deparam os professores ao entrarem numa sala de aula de nível médio, de todo incompatível com um clima mais filosófico, terá retoricamente a ver com vários possíveis fatores: com o *ethos* dominante na instituição em que lecionam (ou na comunidade em que ela se insere), com o *pathos* momentâneo da turma (aquele de uma véspera de feriado ou aula imediatamente posterior ao recreio), ainda com a prova ou o discurso extenuante do colega que acabou de deixar a sala. A correta leitura da circunstância sugerirá ao professor, talvez, a necessidade de alterar “o proêmio da aula”, de modo a melhorar as predisposições de ânimo vigentes, ao custo de seu *logos* não encontrar qualquer ressonância, por mais preciosos que sejam seus ensinamentos.

A escolha e o sucesso desse proêmio dependerá certamente de *repertório*. O professor pode sugerir uma rearrumação das carteiras em roda, ou valer-se de alguma inventiva *hypocrisis*, quem sabe de hábil circulação entre as carteiras de modo a delicadamente desarticular linhas de força prejudiciais a um ambiente de possível abertura para o pensamento. Chamar pelo nome um ou dois alunos formadores de opinião e perguntar-lhes se algo aconteceu que motive o desassossego pode ser interessante; e não chamá-los pelo nome – mas por “você aí” ou “psiu” – pode “diminuí-los” e mesmo gerar ressentimentos velados, sobretudo em se tratando de jovens em agudo processo de constituição de identidade. *É verdade que tudo isso é ao mesmo tempo muito intuitivo e muito técnico*. O que se sugere aqui é que o esquecimento ou a ignorância do “repertório retórico” de lida com as variadas situações docentes pode precipitar a queda dos professores em águas da impotência, ou mesmo da violência e do medo.

Pode-se, com certeza, alegar que essas considerações são periféricas demais e que passam à margem do mérito do que deva ser o ensino de filosofia para o público adolescente ora em epígrafe. Só não deve passar despercebido que a *Retórica* é parte inalienável da filosofia

aristotélica em seu escopo amplo, e que trata, sobretudo, da possibilidade de achar lugar para os filósofos num mundo mais amplo que o da Academia ou do Liceu.

Que não se descurem os oradores professores – acrescentaria o Aristóteles aqui lido – de perceber que “mesmo que tivéssemos a ciência mais exata não nos seria fácil com ela persuadir certos auditórios” (1355 a31); que determinados públicos são muito mais permeáveis a exemplos e ilustrações que a definições e deduções; que a concisão discursiva é, desde muito, apreciada como virtude, e que as digressões, se usadas no tempo e medida certa, podem dar ao discurso (e à aula) notável plasticidade. Que não se descurem os colegas a capacidade de levar em consideração sempre os vários ângulos que uma questão pode comportar, inclusive, vez por outra, de colocar-se no lugar dos alunos para procurar pontos de apoio capazes de incentivá-los a filosofar.

Quem sabe, enfim, professores de um tempo em que a “antiga rainha” já não mais pode “aspirar ao caminho seguro da ciência”¹⁰ – e que mesmo esta última tornou-se “serva da tecnologia” – possamos descobrir nas razões que levaram Aristóteles a escrever uma *retórica filosófica* caminhos novos para nossas *praxeis*. Em outras e últimas palavras, quem sabe, em meio a uma topografia cada vez mais imediatista e utilitária, não possa uma reconsideração aprofundada da arte retórica dar-nos acesso a algumas veredas perdidas.

¹⁰ Cf. KANT, Immanuel: *Crítica da Razão Pura* (1994), prefácio da primeira edição.

Bibliografia

- ARISTÓTELES: *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior. Biblioteca de Autores Clássicos. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006; e *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2011.
- ARISTOTLE: *Art of Rhetoric*. Bilingual, transl. by J.H. Freese. Loeb Classical Library, Massachussets, Harvard Press, 2006.
- _____: *Nicomachean Ethics*, transl. by W.D. Ross, in *The Complete Works of Aristotle*, ed. by John Barnes, 2 vols., New Jersey, Princeton, 1995.
- CASSIN, Barbara: *O Efeito Sofístico*. São Paulo, Editora 34, 2005.
- CECCARELLI, Leah: *Shaping Science with Rethoric – the cases of Dobzhansky, Schrodinger and Wilson*. Chicago, University of Chicago Press, 2001.
- CICERO: *De Oratore* (books I e II). Bilingual, transl. by H. Rackam. Loeb Classical Library, Massachussets, Harvard Press, 1967.
- ISÓCRATES: *Against the Sophists*, in *Isocrates*, vol. I, transl. by David Mirhady and Yun Lee Too. Austin Texas University Press, 2000.
- KANT, Immanuel: *Crítica da Razão Pura*, Lisboa, Gulbenkian, 1994.
- MCCOY, Marina (2008): *Platão e a Retórica de Filósofos e Sofistas*. São Paulo, Madras, 2010.
- MEYER, Michel (2004): *A Retórica. Ática*, São Paulo, 2007.
- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1992): *Tratado de Argumentação – a nova retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- PLATO: *Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus*. Bilingual, transl. Harold North Fowler, Loeb Classical Library, Massachussets, Harvard Press, 2001.
- PLATÃO: *Diálogos – Fedro, Eutífron, Apologia, Críton, Fédon*. Trad. Edson Bini, São Paulo, EDIPRO, 2008.
- _____: *Górgias de Platão*. Bilingue, trad. Daniel Lopes, São Paulo, Perspectiva, 2011.
- REBOUL, Olivier (1991): *Introdução à Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- SOFISTAS: *Testemunhos e Fragmentos*, trad.. Ana Alexandre de Souza e Maria José Vaz Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2005.
- TUGENDHAT, Ernst: *Lições sobre Ética*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- UNTERSTEINER, Mario: *A Obra dos Sofistas – uma interpretação filosófica*. São Paulo, Paulus, 2012.